TEMOS O PRAZER DE APRESENTAR:

O JORNAL DO CAEP
08/08/17

Sumário

Utilidade Pública: Cotas sócio-raciais aprovadas na USP. E agora?..... pág. 03

Guia de disciplinas: Segundo semestre ..... pág. 05

Coluna dos Funcionários: Mulheres na Ciência..... pág. 07

CAEPanela ..... pág. 08

Você Sabia: Engenharia de Complexidade..... pág. 09

CAEPipoca: Racismo e preconceito..... pág. 11

Nossa Sugestão: Les Misérables .... pág. 13

Fique por Dentro: Pagar.Me..... pág. 14

Diário do Intercambista: Aproveitamento de Estudos - como conseguir mesmo com DP's..... pág. 15

Entre Aspas: Joice Toyota..... pág. 17

CAEPInforma: SEGEP ..... pág. 20

Grupo de Extensão: PACE..... pág. 21

Joguinho: Liga Pontos..... pág. 22

Cotas sócio-raciais aprovadas na USP
E agora?

Utilidade Pública

Por Flavia Barochel

No dia 4 de julho de 2017, o Conselho Universitário da USP aprovou cotas sócio-raciais no ingresso à universidade. Para a surpresa até do movimento estudantil, pela primeira vez a USP votou (e aprovou!) uma proposta que incluía cotas tanto sociais quanto raciais. O teor da proposta aprovada foi o seguinte: até 2021, as turmas ingressantes de todos os cursos e turnos da USP serão compostas 50% por alunos advindos de escolas públicas, dos quais 37% serão exclusivamente pretos, pardos ou indígenas. A ideia é que 37% das vagas sejam destinadas a alunos de escola pública no vestibular de 2018 e que essa porcentagem vá aumentando: 40% no vestibular de 2019, 45% no vestibular de 2020 e, finalmente, 50% no vestibular de 2021. A porcentagem de cotas raciais seria sempre de 37% das vagas de escola pública, pois 37% é a porcentagem aproximada de pretos, pardos e indígenas na população do estado de São Paulo.

A conquista de enfim existirem cotas raciais na USP é sem dúvida do movimento estudantil e dos movimentos negro e indígena dentro da Universidade. Poucos anos atrás, o assunto "cotas" mal era discutido nas faculdades entre alunos e professores, quanto menos nos órgãos colegiados da USP. A visibilidade que a militância universitária deu a esse assunto é o que fez com que as tão reivindicadas cotas fossem aprovadas esse ano. Porém, a luta não terminou e ainda há muito que precisa ser adaptado na forma como a USP decidiu implementar cotas.

Primeiramente, é preciso questionar a porcentagem de cotas raciais. A lei federal de cotas, que foi aplicada nas universidades federais, prevê 50% de vagas para cotistas sociais e, dentro desses, um percentual de cotas raciais equivalente ao percentual de negros e indígenas do estado correspondente. Em São Paulo, a população é composta por 37% de pretos, pardos e indígenas (PPI). O questionamento que fica é de por que esses 37% de cotas para PPI não são sobre o número total de vagas e sim sobre os 50% de escola pública? Serão só 18,5% de PPI na USP, o que é muito pouco ainda. A proposta de cotas aprovada, também em 2017, na UNICAMP determina 50% de cotas sociais e 35% do total de cotas raciais. Na proposta da UNICAMP, a universidade espelha a sociedade em sua composição racial, já na proposta da USP, apenas metade da universidade vai espelhar a demografia racial do estado, a outra metade continuando exatamente como é hoje: branca e elitizada.

Em segundo lugar, no molde que foram votadas, as cotas só devem ser implementadas na segunda fase da FUVEST (ainda não se sabe ao certo, pois o edital da FUVEST 2018 não foi publicado). Ou seja, candidatos tanto de escola pública quanto PPI precisariam passar na primeira fase do vestibular com a mesma nota mínima dos candidatos de ampla concorrência, para só assim serem beneficiados com as cotas posteriormente. O problema dessa concorrência é que pode ser que não haja candidatos remanescentes na segunda fase suficientes para completar todas as vagas, principalmente nos cursos mais concorridos. A disparidade do ensino em colégios públicos e particulares é enorme, então é razoável prever que haja dificuldade dos candidatos cotistas de passarem na primeira fase, quando comumente são aprovados 3 candidatos por vaga.

Para ilustrar esse problema com um exemplo, imagina-se a concorrência em um curso gené-

rico da USP no ano de 2021, quando as cotas estiverem implementadas em sua totalidade. O curso tem 200 vagas, das quais 50% seriam para candidatos de escola pública e 37% dessas seriam para candidatos PPI. Imagina-se então 100 vagas para ampla concorrência, 63 vagas para alunos de escola pública e 37 vagas para alunos PPI de escola pública. Então, seguindo a lógica dos 3 candidatos por vaga, 600 seriam aprovados para fazer a segunda fase do vestibular para esse curso. Desses 600, será que haveria pelo menos 100 advindos de escola pública para preencher as vagas reservadas por cotas? Será que, desses 600 aprovados para a segunda fase, ao menos 37 seriam PPI? Provavelmente não, pois esses candidatos vêm com extrema desvantagem desde a primeira fase. Os dados sócio-econômicos da FUVEST estão indisponíveis para consulta no site para que se possa chegar a alguma conclusão quanto ao preenchimento total das vagas de cotas. Porém, vale frisar que nos moldes dos últimos vestibulares, o benefício do bônus na FUVEST pelo Inclusp (explicado na edição anterior d'O Patrão) foi usado para aumentar a nota dos candidatos de escola pública em ambas as fases do vestibular. Assim, faz sentido que as cotas sejam utilizadas também para selecionar candidatos na primeira fase, não só na segunda, ou que ao menos o benefício do bônus seja mantido.

Indo mais além com o que ainda pode mudar no ingresso à USP, há as reivindicações do movimento estudantil de cotas sócio-raciais também na pós-graduação. Também há a proposta de implementar na USP um vestibular indígena, o que já é feito na UFSCAR por exemplo, para que candidatos pertencentes a uma das etnias indígenas brasileiras tenham um processo seletivo específico, adaptado à educação tradicional e a falantes de português como segunda língua. Além disso, baseado em uma medida adotada na UFMG, há uma demanda para que a USP passe a oferecer cursos pré-Cálculo para aqueles ingressantes dos cursos de Ciências Exatas que sintam que tiveram ensino deficitário dos conteúdos de matemática. Esse nivelamento dos calouros é fundamental para que todos tenham igual oportunidade de um bom desempenho acadêmico no começo da faculdade, o que toca no próximo ponto que é reivindicado, a permanência estudantil.

Por último, e talvez mais importante, para receber os alunos cotistas, a USP precisa estar preparada. Hoje, há programas de permanência para estudantes de baixa renda, porém, agora com 50% de cotas sociais, é preciso ampliá-los, e muito. Acesso à moradia, alimentação, transporte, material didático, computadores, assistência psicológica quando necessário, tudo isso pode ser a diferença para um estudante com dificuldade financeira permanecer na universidade. Especialmente nos primeiros anos da graduação, quando os alunos não estagiam ainda, a USP precisa se empenhar em evitar ao máximo a evasão. A dificuldade de se sustentar enquanto estuda para obter um diploma é uma realidade para ingressantes de baixa renda na USP atualmente, e tende a aumentar conforme houver mais gente na mesma situação. É preciso melhorar e expandir os programas de bolsas e permanência já existentes.

A aprovação de cotas raciais e sociais no vestibular para toda a USP é uma vitória que deve ser comemorada. Não deve-se esquecer, porém, que o acesso ao ensino básico ainda é muito injusto e discrepante entre quem tem dinheiro e quem não tem. Assim, é responsabilidade da USP não parar agora com essa mudança no vestibular, mas continuar propondo medidas que contribuam para acabar com o ciclo de falta de oportunidades em que se encontra a população mais pobre do país.

Em tempo:

Antes do fechamento desta edição d'O Patrão foi publicado o Edital da FUVEST 2018, em que se pode conferir como será a política de bônus, entres outras especificações do processo de seleção.

O Edital consta no link a seguir: http://www.fuvest.br/wp-content/uploads/Manual-Cand-Fuvest2018.pdf

Segundo Semestre Guia das disciplinas

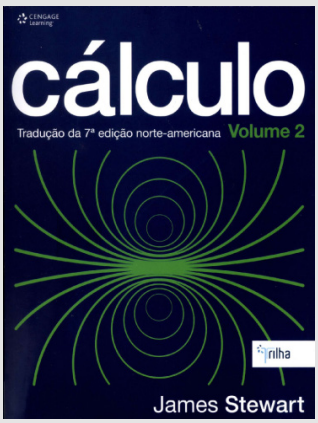
Por Alexandre Tardin, Camila Cestone, Daniela Souza, Julia Toute e Tales Mauad

Passado o primeiro semestre, vocês, bixos e bixetes, já devem ter sentido um pouco como as matérias da Poli funcionam. Informações e dicas sobre as disciplinas desse segundo semestre, porém, ainda podem ajudar, ou ao menos evitar algumas surpresas. Cada disciplina possui o seu site, mas para estudar ou achar materiais como cadernos, resoluções de exercícios ou provas resolvidas, há sempre o bom e velho Polishare, ou então, os atuais sites Estudar com você e Responde Aí - que têm salvado muito os alunos com conteúdos e provas resolvidas e comentadas. Com função semelhante ao Polishare, há também o Politécnicos (www.politecnicos.com.br), que contém, além de materiais de estudo, informações a respeito de intercâmbio e de grupos de extensão na Poli, por exemplo.

Álgebra Linear II - MAT2458

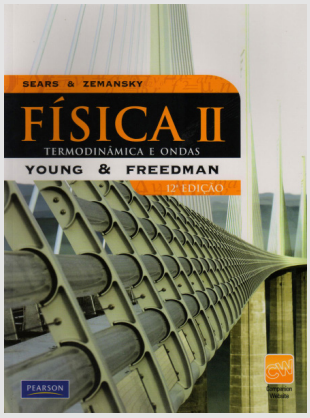
Segue a mesma linha de estudo de Algelin I, mas o principal diferencial é que agora a disciplina aborda os mais diferentes "R"s, tornando-a consideravelmente mais complicada que a anterior. Apesar disso, os resumos do Arthur Salles estão sempre salvando os alunos. A parte teórica provavelmente é a mais difícil de entender, como por exemplo os espaços vetoriais que não sejam compostos necessariamente pelas "flechinhas" de Algelin I, mas por matrizes ou números reais. Tendo esse obstáculo teórico ultrapassado, basta fazer exercícios de provas antigas e dos resumos.

Cálculo II - MAT2454



Dando sequência ao que foi visto em Cálculo I, em Cálculo II - agora com apenas 4 créditos - o estudo será focado no cálculo de limites e derivadas de duas ou mais variáveis (mais precisamente, de duas variáveis). Para aqueles que não gostarem do professor, há no canal Univesp TV no Youtube, o curso completo de Cálculo II, com as aulas ministradas pela Professora Martha Salerno. Sobre as listas, elas não diferem muito do nível de dificuldade encontrado nas provas, por isso caso tenham tempo, recomendamos que as façam. E quanto às provas, reforçar aquilo que a Poli ensinou no primeiro semestre: fazer bastante prova antiga para pegar o jeito da prova e ver que os tipos de questões repetem-se a cada ano. Há quem diga que Cálculo II é mais fácil que Cálculo I, mas ainda assim tem detalhes que podem confundir e também pode ser um pouco complicado para quem não tem uma boa visão espacial.

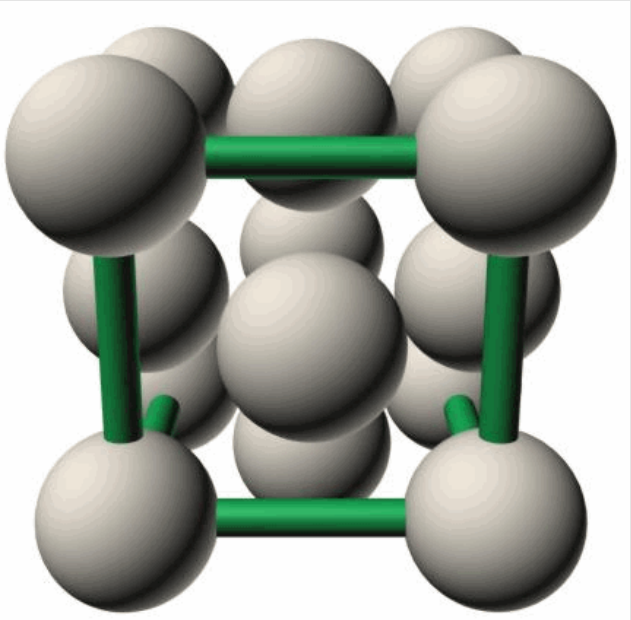
Física II - 4323102



Essa é provavelmente uma das matérias mais complicadas do segundo semestre. Em Física II, o foco será os Movimentos Harmônicos (simples, amortecidos e forçados) e a Ondulatória, tanto a parte semelhante à FUVEST quanto a parte de equações de ondas e suas variações. De modo geral, na P1 cobra-se movimento harmônico simples e suas adaptações, enquanto na P2 esse movimento pode ser forçado ou amortecido (ou ambos). Na P3, o conteúdo é similar ao cobrado na FUVEST, então vale a pena tentar garantir uma boa nota. Muitas vezes no curso aparecerão conceitos presentes em Cálculo IV, como equações diferenciais e como resolvê-las, o que pode atrapalhar a vida dos alunos. Há pouca variedade de exercícios para praticar, dado que o modelo de provas é recente, mas ainda assim resolver os exames antigos é uma boa forma de estudar, além de fazer a lista. Para aqueles que não desistirem de assistir aula, o professor Alberto Martinez tem uma boa didática e costuma se preocupar com os alunos. Caso consigam, assistam algumas aulas dele e vejam se realmente ajuda a acompanhar um pouco melhor o conteúdo.

Introdução à Ciência dos Materiais para Engenharia - PMT3110

Mais conhecida como PMT, esta é uma disciplina que conta com 4 créditos. As aulas são dadas em slides e sempre têm muito conteúdo, pois são basicamente uma cópia do livro texto. A cada final de tópico, é passada uma lista de exercícios que abrange o conteúdo até então dado. A lista é um bom treino e, dependendo do professor, ela deve ser entregue no final da aula. Além disso, PMT conta com testinhos online, semelhantes aos de PCC. A diferença é que eles são feitos em casa e não são tão triviais, é preciso ter estudado bem a matéria para conseguir fazê-los. Quanto às provas, são compostas por 20 testes, em 4 ou 5 versões diferentes. Infelizmente, as provas não são divulgadas, então não existem provas antigas para estudar. Assim, recomendamos que estudem pelos testinhos ou pela lista de exercícios fornecida em aula.



Mecânica I - PME3100

Disciplina de 6 créditos, talvez a mais difícil do semestre. Mas difícil não quer dizer impossível. Cálculo de resultante de forças, de reações vinculares e de momentos causados por forças e assunto de hidrostática serão o foco da P1. Na disciplina como um todo, conta-se com muitos macetes de exercícios, então não basta apenas assistir às aulas, é muito importante praticar com os exercícios da lista disponibilizada. Também há um aprofundamento do conteúdo visto na P3 de Física I, e essa matéria fará mais sentido agora em Mecânica. Além disso, é crucial assistir aula com um bom professor. Como o conteúdo é denso, um professor com uma boa didática e que dê os macetes necessários para resolver os exercícios faz toda a diferença. E um ponto positivo de Mecânica I é que a matéria conta com muitos professores bons e, normalmente, as turmas de outras engenharias têm aulas no mesmo horário que a turma da produção, então é muito tranquilo de assistir aula com outra turma, caso não haja uma identificação com o professor da produção. Recomendamos os professores Kawano, Massarani ou Flávio Trigo. Uma última dica é: tente conseguir nota na P1 e na P2, para não precisar de tanta nota na P3, pois nela o conteúdo cobrado é mais complicado.

Laboratório de PQI - PQI3140

Uma nova disciplina que tem como objetivo suprir a falta de experiências práticas envolvendo a química. Os experimentos no laboratório ocorrerão quinzenalmente e abordarão tópicos fundamentais às transformações químicas, tais como balanço de massa, cinética das reações e a primeira lei da Termodinâmica. As notas serão atribuídas com base nos relatórios entregues, referentes à cada aula de laboratório.

Engenharia e Sociedade - PRO3330

Disciplina com didática diferente das outras matérias da Poli. As aulas consistem em debates acerca de temas do cotidiano do engenheiro, os quais têm grande impacto na sociedade - como o meio ambiente ou a burocracia do Estado. Durante esses debates, cada aluno deve reunir-se em grupo e preencher uma série de perguntas acerca do que foi discutido. Sua nota será atribuída baseada na execução dos exercícios de classe, uma apresentação simples acerca de algum dos temas e uma prova sobre um filme, na qual você terá que mencionar o que foi discutido durante o semestre. A matéria é muito simples e as pessoas que entregam os exercícios passam sem dificuldades. Recomendamos que participem dos debates, pois é uma disciplina muito interessante.

Mulheres na Ciência

Por Alexandre Tardin e Isabella Ferraz

Em um estudo feito por pesquisadores de Yale em 2013, professores de seis grandes centros de pesquisa nos EUA foram apresentados a currículos igualmente qualificados de dois candidatos, sendo um deles um homem e o outro uma mulher. Observou-se que o lado masculino, na maior parte das vezes, vencia a competição. Além disso, caso a mulher fosse contratada, seu salário era, em média, quatro mil dólares inferior ao do homem.

Para muitos, a pesquisa americana não revela nada além de uma realidade já conhecida de dificuldades para aquelas que sonham em seguir uma carreira no campo das ciências exatas. Dos ingressantes da Poli, em 2016, por exemplo, apenas 18% são mulheres, enquanto na USP como um todo a porcentagem sobe para 46%.

Em um meio predominantemente masculino, a figura de uma jovem pesquisadora e professora de Cálculo III no primeiro semestre de 2017 sobressaiu-se e, por essa razão, a coluna desta edição contará sua história.

Samantha Avelino, 30 anos, é mineira de Poços de Caldas e, quando pequena, sonhava em ser astronauta. É formada em Física pela UFSCar, porém optou por seguir seu caminho no ramo da matemática. Acredita que seus pais se orgulham da profissão por ela desenvolvida. Sua mãe era professora de matemática, o que facilitou sua escolha pela área das exatas.

Considera o curso de Física na UFSCar mal estruturado, assim como em todo o Brasil. Em sua opinião, dos estudantes eram demandados conhecimentos respectivos a áreas as quais seriam somente abordadas em disciplinas posteriores, como Cálculo IV. Isso gerava nos alunos uma necessidade de decorar a matéria, não a aprendendo de fato, o que a desmotivou em sua graduação.

Inicialmente, sua atração pela matemática estava associada à vontade de aprender melhor os conceitos físicos. Rapidamente, no entanto, seu interesse cresceu pelas áreas mais puras dessa ciência. Fez iniciação científica durante dois anos estudando o assunto "sistemas dinâmicos", aceitando participar desse projeto de pesquisa mesmo sem uma bolsa incluída. Percebeu que talvez seu curso ideal não fosse aquele escolhido na graduação.

Decidida a reverter sua defasagem por não ter tido disciplinas específicas da matemática em sua formação, estudou durante um ano e meio na UFSCar. Após o período, foi aprovada pelo Instituto de Ciências Matemáticas e da Computação da USP de São Carlos para realizar seu mestrado em Física Matemática. Não gostou do tema, o que a afastou de vez de seu curso original na graduação – mudou-se para São Paulo para realizar seu doutorado na USP, estudando apenas matemática.

Na capital, pela experiência, prestou o concurso para ser professora de Cálculo III no primeiro semestre de 2017. Apesar de já ter ministrado aulas em São Carlos, nada se compara à responsabilidade de lecionar durante seis meses para uma mesma turma, em sua visão. A agora professora e jovem pesquisadora estava frente ao desafio de montar aulas sequenciais de Cálculo III. Para isso, estudou vários livros da disciplina e voltou-se também para os vídeos do prof. Claudio Possani, buscando inspirar-se em sua didática, já conhecida pelos estudantes da Poli.

Após seis meses, avalia sua experiência como positiva, apesar de ter antes imaginado que os alunos seriam mais participativos nas aulas. Afirma que o professor cria expectativas e se entusiasma imaginando a reação de sua turma durante a aula. Por essa razão, considera Cálculo I, dentre os quatro ministrados

no biênio, o mais interessante para se lecionar, por se tratar do primeiro contato dos alunos com a matemática de nível superior. E por que há uma predominância masculina forte dentre os estudantes e pesquisadores no ramo das ciências exatas? Samantha acredita que a sociedade nos ensina, implicitamente, que essas ciências são "coisas de menino". Pensa que mulheres são ensinadas a buscar o sucesso em outras áreas, sendo aquelas as quais vão contra a corrente por vezes mal interpretadas. Em suas palavras, para a sociedade "o menino tem que ir bem em exatas. Se a menina não vai bem em exatas, não tem problema, ela vai fazer outra coisa". Samantha, com o apoio de seus pais, não reafirmou o padrão social – a menina que queria ser astronauta se graduou em física e hoje ensina e pesquisa matemática.

CAEPanela

Por Alexandre Tardin

Nessa coluna do jornal, busca-se incentivar hábitos alimentares melhores entre os estudantes da Poli. A rotina apressada nem sempre permite passar-se muito tempo cozinhando, por isso todas as receitas aqui trazidas são práticas, além de saudáveis e saborosas. Qualquer um pode cozinhar!

Salada de radicchio com rúcula e chia

Rica em vitaminas do complexo B, a chia afasta a depressão e a ansiedade, problemas conhecidos pelos estudantes da Poli. Tão importante quanto o equilíbrio físico, a saúde mental não pode ser deixada de lado em momento algum.

Ingredientes (1 porção):
6 folhas de radicchio rasgadas grosseiramente
2 folhas de alface-americana rasgadas
200g de peito de peru fatiado finamente
1 xícara (chá) de folhas de rúcula silvestre inteiras
6 bolinhas de muçarela de búfala para decorar
1 colher (sopa) de chia para salpicar
Sal, azeite e ervas finas a gosto para temperar

Modo de preparo:
Misture em uma saladeira o radicchio, a alface, o peito de peru e a rúcula. Disponha a muçarela por cima da salada da maneira que preferir e salpique a chia. Tempere a gosto com sal, azeite e ervas finas e sirva em seguida.

Salmão com alho-poró

Essa é uma receita bem saborosa e rica em ômega-3. Curiosidade: o alho-poró é o símbolo nacional do País de Gales, sendo usado decorativamente, junto com flores de narciso, no dia de São David.

Ingredientes:
1 salmão
2 talos de alho-poró

Modo de preparo:
Coloque um papel alumínio em um pirex (que irá ao forno), de modo que ele envolva completamente o salmão, deixando espaço para o ar circular. Coloque o salmão sobre o papel alumínio, com a pele para baixo. Caso deseje retirar a pele do salmão antes, é possível fazer isso. Tempere com sal, pimenta e azeite. Coloque o alho-poró cortado em rodelas finas sobre o salmão, e feche o papel alumínio. Coloque no forno e, após cerca de 25 minutos, a receita estará pronta.

Mousse de abacate com cacau

Uma sobremesa rica em vitaminas e minerais, como o cálcio e zinco. Curiosidade: o iogurte grego, por sua cremosidade e consistência, é um bom substituto do creme de leite nas receitas.

Ingredientes (1 porção):
2 colheres (sopa) de abacate
1 pote de iogurte Grego
1 colher (sopa) de cacau em pó

Modo de fazer
Talvez a receita mais desafiadora dessa coluna: bata todos os ingredientes no liquidificador e sirva em seguida.

Engenharia de Complexidade

Por Beatriz Ota e Olívia Cunha

No dia 17 de outubro, ocorreu uma reunião, com a presença do reitor da USP, Marco Antônio Zago, em que os professores e diretores da Escola Politécnica apresentaram a proposta para a implantação de um novo curso em seu instituto: a Engenharia da Complexidade.

O curso já foi aprovado pela Congregação, órgão consultivo e deliberativo da faculdade, e a inauguração está prevista para 2018. Essa iniciativa está sendo estruturada junto a pesquisadores do Groupe des Écoles Centrales, formado por cinco das principais escolas de engenharia da França, e deve ter um caráter mais amplo que os outros cursos oferecidos pela Poli.

O Curso

O curso de Engenharia da Complexidade terá uma abordagem mais geral que os demais cursos da Poli, visando formar profissionais preparados para a nova distribuição global dos meios de produção, capazes de lidar com problemas complexos e enfrentar os principais desafios da Engenharia deste século. Segundo o professor Laerte Idal Sznelwar, coordenador da Comissão Executiva do Programa POLI-GEC de Engenharia da Complexidade, "A ideia principal é de tratar dos desafios de concepção, projeto e gerenciamento da produção e do trabalho que se descortinam, a partir de uma abordagem que considere aspectos técnicos, sociais, humanos, econômicos, ambientais em patamares similares."

Como as demais engenharias, a engenharia da complexidade da Poli terá como base as ciências físicas e matemáticas. No entanto, a constituição de sua grade também deverá permitir a integração de conceitos de outras áreas do conhecimento, como as ciências sociais, as quais devem ser levadas em conta pelo engenheiro em sua atividade profissional, visto que a proposta é investir na formação de engenheiros capazes de combinar conhecimentos diversos para desenvolver soluções mais integradas para problemas de grande amplitude. A proposta não é constituir disciplinas novas, mas buscar integrar conhecimentos e métodos distintos para abordar os problemas da sociedade que tenham sua origem em diferentes campos do conhecimento. Assim, o aluno e futuro profissional em Engenharia da Complexidade será instruído a levar em consideração diferentes fatores de um projeto, que exigem conhecimentos em áreas como economia, direito, antropologia, sociologia, filosofia, ciências do trabalho, psicologia e até saúde.

Esse tipo de grade na formação do engenheiro já existe, é o caso do engenheiro agrônomo cuja formação inclui além de física, química e matemática, também biologia, ecologia e economia. Entretanto, o engenheiro agrônomo tem seu campo profissional direcionado à produção agropecuária. A engenharia da complexidade deverá formar profissionais com a interface interdisciplinar voltada para os problemas urbanos.

Localização

O curso de engenharia da complexidade deverá ser oferecido no campus da Poli na Baixada Santista, no litoral paulista, próximo ao porto e ao complexo industrial de Cubatão. Com isso, pretende aproximar os estudantes e os professores dos desafios das empresas daquela região. Os alunos desse curso deverão desenvolver projetos, de modo a aplicar o conhecimento adquirido na resolução de problemas e na concepção de projetos em áreas como planejamento e integração de ações de mobilidade urbana, recuperação e preservação ambiental, desenvolvimento de centros de inovação tecnológica e processos de exploração dos recursos do mar.

Informações adicionais

A redação conversou com o professor Laerte para sanar algumas dúvidas, e as respostas seguem a seguir:

01. Em relação à grade curricular, já está definido o tempo de curso? Serão cinco anos, assim como as demais engenharias da Poli? Haverá o ciclo básico?

A estrutura curricular está pronta sim e o curso será

de 5 anos e há uma estrutura curricular compatível com o da EC3. A ideia de ciclo básico não se mantém nos mesmos moldes, há uma carga importante de matemática e uma proposta de integração de diferentes temas nas disciplinas de projeto, que terão início no primeiro semestre. Questões que não são tratadas em disciplinas específicas, serão tratadas e deverão integrar os projetos que serão desenvolvidos pelos estudantes com supervisão dos professores do curso.

02. Haverá possibilidade de transferência interna? A partir de quando?

A questão da transferência interna ainda não foi tratada, mas não há razões para não existir. Trata-se de estudar quais serão as modalidades possíveis.

03. Sobre a integração disciplinar. Li uma reportagem em que o senhor menciona que a ideia não é criar disciplinas novas, mas integrar disciplinas já existentes. Como será esse processo? Haverá parcerias com outras faculdades da USP?

Nós temos na POLI um amplo espectro de temas tratados em diferentes disciplinas que compõem as estruturas curriculares. A ideia é justamente de agir de modo integrado. Mas o que estamos propondo? A proposta é que todos os professores que ministram disciplinas participem dos projetos, buscando sempre esta integração. Não se trata apenas de passar conteúdo, mas como integrar no processo de aprendizagem conteúdo, com teoria, com prática e com uma perspectiva de interligar as questões, uma vez que se trata de uma visão de engenharia basicamente integradora. As parcerias com outras faculdades sempre é bem vinda, mas deverá seguir essa diretriz, não buscamos professores que venham dar aulas exclusivamente, mas que atuem em consonância com a proposta.

04. Qual é a participação do Groupe des Écoles Centrales no projeto? Haverá algum convênio especial para intercâmbio para os alunos do curso de Complexidade?

Nós elaboramos o projeto em conjunto com colegas das Écoles Centrales, com relação à participação futura de professores franceses e ainda não há uma definição de uma associação efetiva. Com relação aos processos de intercâmbio, eles serão estudados oportunamente, uma vez que devemos acompanhar os convênios estabelecidos pela EPUSP.

05. O curso de Engenharia de Complexidade será ministrado em Santos, com o intuito de prestar apoio ao desenvolvimento da região. Como você idealiza isso? Haverá disciplinas voltadas ao contato com empresas da região? Ou trata-se de um plano mais a longo prazo, em que você conta que os alunos formados atuem nessa área?

O papel da EPUSP em Santos já é um fato; desde a implantação do curso de Engenharia de Petróleo na Baixada Santista, diferentes projetos de cooperação estão em elaboração. A ideia é sim de fortalecer os intercâmbios com as empresas e com o poder público visando uma participação de estudantes e professores do curso de Engenharia da Complexidade, desde o início. Para tanto, a proposta é de buscar uma integração com diferentes atores sociais desde o início.

Outras Novidades

Vestibular Santa Casa

A Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo deixou de utilizar o vestibular da fuvest para selecionar candidatos para o curso de medicina a partir deste ano. Agora o vestibular passou a ser aplicado pela Fundação Vunesp, que já é responsável pelas provas de residência médica da Santa Casa, além de outros processos seletivos, como o da Universidade Estadual Paulista (Unesp). O exame pela Vunesp para medicina, enfermagem e fonoaudiologia será realizado nos dias 2 e 3 de novembro de 2017.

Curso de Medicina em Bauru

Foi aprovada a criação de um novo curso de Medicina, que será vinculado à Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB) da USP e oferecerá 60 vagas no vestibular 2018, sendo 42 vagas via Fuvest e 18 pelo Sisu. O curso visa atender a uma grande demanda pelos cursos de Medicina da Universidade. Atualmente, os cursos de São Paulo e Ribeirão Preto somam 350 vagas e são as duas carreiras mais concorridas da Fuvest, portanto, a proposta é aumentar gradativamente o número de vagas no curso oferecido em Bauru, com 80 vagas em 2020 e 100 vagas a partir de 2021.

Racismo e Preconceito Caepipoca

Por Estella Rodrigues (convidada), Flavia Barochel e Lucas Alleotti

A discriminação racial é um tópico que vem sendo abordado com frequência pela indústria do entretenimento. Claro que não foi sempre assim, por anos essa indústria falhou em representar personagens e histórias de minorias. Uma pesquisa feita pela revista americana TIME revelou que dos 1668 indicados desde 1929 às categorias de atuação do prêmio mais importante do cinema, o Oscar, somente 56 não eram brancos. Esse dado é um reflexo do preconceito e o racismo não só no cinema, como na sociedade.

A lista a seguir contém sugestões de filmes que debatem a desigualdade social e racial, abordam a história negra, expõem o preconceito enfrentado e dão visibilidade a artistas e profissionais negros.

01. 12 Anos de Escravidão

(2013 - Drama/Filme biográfico - 2h 14m)

Vencedor do Oscar de Melhor Filme em 2014, o drama retrata a vida de Solomon Northop, um músico negro livre pós guerra civil americana, que é sequestrado e forçado a viver como escravo em diversas fazendas, sem ter como provar sua liberdade. A partir da trajetória do protagonista, o filme mostra um Estados Unidos dividido como causa da guerra, mas principalmente, o preconceito e racismo que moldaram uma das piores tragédias da história. Mantendo uma qualidade técnica impecável do começo ao fim, retrata de maneira explícita a escravidão e o homem em sua forma mais monstruosa.

02. Olhos Azuis

(1996 - Preto e branco/Documentário - 1h 30m)

No Documentário alemão, a professora e socióloga Jane Elliott aplica um experimento de discriminação em uma sala de adultos, onde, por um dia, aqueles com olhos azuis vão ser tratados de maneira inferior aos outros da sala. A professora também aplica o experimento em uma sala de crianças. De forma leve, o documentário discute as premissas da discriminação e como isso é negado na sociedade, argumentando a partir das reações das pessoas no experimento.

03. A Outra História Americana

(1998 - Filme policial/Coming of age - 1h 59m):

O drama gira em torno de Derek Vinyard, um neonazista que pratica racismo em sua forma mais extrema e violenta, e seu irmão que pretende seguir os mesmos passos. A trama discorre depois que Derek sai da prisão, e passa a retratar sua volta à comunidade neonazista e suas reflexões sobre tal depois de sua experiência na cadeia. Sem poupar cenas fortes e chocantes, o filme discute o racismo em sua forma extrema e como é possível desconstruir um pensamento tão enraizado em alguém.

04. Estrelas Além do Tempo

(2016 - Drama/Ficção histórica - 2h 7m):

O recente e aclamado drama, baseado em fatos reais, conta a história de três matemáticas negras que trabalham na Nasa. Em plena guerra fria, as três têm que lidar com a discriminação e o racismo presentes na instituição machista que as vê como inferiores, apesar de serem fundamentais nos projetos desenvolvidos. O filme mostra a dificuldade das mulheres de prosperarem profissionalmente e academicamente numa sociedade opressora onde Engenharia é apenas para homens.

05. A Cor Púrpura

(1985 - Drama/Obra de Época - 2h 34m)

O drama de 1985 de Steven Spielberg, protagonizado por Whoopi Goldberg, conta a história de

Celie, uma mulher negra que, aos 14 anos, depois de já ter dado a luz a duas crianças, frutos de estupros pelo seu próprio pai, foi vendida a um marido abusivo, que dá continuidade ao ciclo de submissão e opressão da jovem. A trajetória de Celie ao longo das primeiras décadas do século XX é contada com delicadeza e ingenuidade, dando foco às mulheres que surgem na vida da protagonista, que a incentivam a sair do ciclo de violência que ela sofre como mulher e como negra.

06. Cidade de Deus – 10 Anos Depois

(2013 - Documentário - 1h 30m)

Esse documentário procura mostrar o que aconteceu com os atores do filme 10 anos após o lançamento de "Cidade de Deus", filme que, não só conquistou o público, como também a crítica nacional e internacional em 2002. A maioria dos atores do filme foi recrutada nas comunidades do Rio, inclusive na própria Cidade de Deus, ou seja, não eram profissionais e não estavam preparados para tamanho sucesso (que incluiu 4 indicações ao Óscar).

Para alguns, o filme abriu portas na dramaturgia e nas artes, dentro e fora do Brasil. Mas para grande parte do elenco, a vida seguiu como antes. Muitos ainda moram na favela. Qual a reação do mercado à realidade de pessoas de comunidades carentes? O quanto ele apresenta oportunidades para pessoas negras?

Esse documentário não só levanta questões como essa, assim como retrata o dia a dia desses atores e de suas famílias nas comunidades periféricas do Rio de Janeiro, perpassada pela trágica desigualdade social e o racismo, dentro e fora das telinhas.

07. A Hora do Show

(2000 - Drama/Comédia dramática - 2h 16m)

Esse filme é um tiro! O protagonista, um executivo de televisão negro, cria um programa que utiliza da temática dos show de blackface dos séculos passados, esperando ser demitido. Formado em Harvard, ele teve suas ideias mais rebuscadas e intelectuais seguidamente rejeitadas. Porém, para sua surpresa, a ideia é aceita pelo canal e acaba virando um grande sucesso.

O que era para ser uma provocação aos racistas, acaba virando um grande hit, ou seja, aqueles estereótipos que o autor queria denunciar acabam virando motivo de riso e eis que surgem os defensores da "liberdade de expressão".

Fica evidente que a caricatura e estereótipos negativos associados a população negra, perpetuada pela mídia e autores brancos (temos no Brasil como exemplo nosso "querido" Monteiro Lobato), ainda estão intrincados na mentalidade da população. O fantasma da escravidão vive, e o genocídio da população negra e o racismo atingem os negros independente de suas classes sociais.

As tensões raciais permeiam o filme, até mesmo quando negros e brancos quando ocupam a mesma posição social. Similar ao caso na Escola Politécnica? Talvez, só assistindo ao filme para tirar as próprias conclusões.

Além desses sete filmes, para ir mais fundo no assunto, seguem outras recomendações de filmes que não só abordam a temática do racismo, como também dão visibilidade para artistas negros numa indústria ainda tão pouco diversa.

8. Moonlight
(2016 - Drama -1h 51m)

9. Preciosa
(2009 - Drama/Cinema independente -1h 50m)

10. Escritores da Liberdade
(2007 - Drama/Filme para adolescentes - 2h 3m)

11. Mãos talentosas
(2009 - Drama -1h 30m)

12. Distrito 9
(2009 - Fantasia/Thriller -1h 53m)

13. Histórias Cruzadas
(2011 - Drama/Romance - 2h 26m)

14. A 13ª Emenda
(2016 - Filme policial/Documentário - 1h 40m)

15. Faça a Coisa Certa
(1989 - Drama/Comédia - 2h 5m)

Les Misérables Nossa Sugestão

Por Flavia Barochel

Les Misérables, o clássico musical da Broadway baseado no romance homônimo de 1862 escrito por Victor Hugo, está em cartaz no Teatro Renault em São Paulo. A montagem brasileira é de realização da T4F Entretenimento, empresa que foi responsável por trazer ao Brasil diversos outros espetáculos musicais, como Wicked e Rei Leão, sendo sempre peças com altíssimo padrão, que não deixam a desejar quando comparadas às originais da Broadway.

A superprodução de Les Misérables não é diferente. A obra traduzida é fiel ao musical original e a qualidade do som, da iluminação, dos efeitos visuais, dos cenários e dos figurinos é impecável. O elenco é formado por atores/cantores muito talentosos, onde destacam-se Nando Pradho no papel de Javert e Kacau Gomes no papel de Fantine, personagem que levou Anne Hathaway ao Oscar de melhor atriz coadjuvante na adaptação do musical ao cinema em 2012.

Para quem conhece o filme de 2012, o musical é extremamente parecido, só que em português nessa montagem. Algumas cenas no filme são apresentadas em outra ordem, mas a história e as músicas são as mesmas. É inegável, porém, que o impacto de assistir uma obra dessas no teatro é muito maior do que assistir no cinema ou na televisão. Qualquer pessoa que se emocionou com o filme com certeza vai se apaixonar pela versão teatral.

O musical conta a história de um ex-prisioneiro que, após servir 19 anos de uma sentença injusta, quebra sua condicional e foge da lei. A trajetória dele em uma França pós revolução, ainda muito pobre e desigual, encontra-se com as de outros personagens, com histórias igualmente trágicas. Um dos temas mais abordados na peça é a revolução do povo francês, especialmente dos jovens cheios de esperança de um futuro mais justo.

O musical é longo e "sung-through", termo que é usado no meio para se referir a peças nas quais, do começo ao fim, todas as falas são cantadas. Para quem gosta de teatro e especialmente de musicais, Les Misérables é o melhor que há. Porém, para um público não acostumado a esse tipo de entretenimento, a peça pode ser cansativa, ainda mais para um espectador que não conhece a história de antemão. Contudo, vale a pena, e dá orgulho, prestigiar uma produção nacional de tão alto nível.

A montagem está em cartaz no Teatro Renault (Av. Brig. Luís Antônio 411) até o dia 10 de dezembro de 2017. São seis apresentações por semana, quintas e sextas às 21h, sábados às 16h e às 21h e domingos às 15h e às 20h. Os ingressos variam de R$25,00 a R$330,00, dependendo do assento escolhido. Com bastante frequência, a organização tem realizado sessões populares às quartas-feiras, nas quais todos os ingressos do teatro ficam à venda por R$50,00 a inteira ou R$25,00 a meia. Geralmente no domingo ou na segunda anterior é feito um post no site http://www.lesmis.com.br/blog/ anunciando a sessão popular na quarta. Os ingressos populares só ficam disponíveis na bilheteria do teatro, e a fila por eles costuma ser bem grande. É recomendado chegar antes da abertura da bilheteria em dias de venda de ingressos populares.

Pagar.me Fique por dentro

Por Rafael Reis e Shelly Barbosa

A Pagar.Me é uma startup brasileira, do grupo Arpex Capital, fundada em dezembro de 2013 pelo paulistano Henrique Dubugras e pelo carioca Pedro Franceschi, dois habilidosos jovens programadores, com o objetivo de oferecer uma estrutura capaz de articular a área de pagamentos das lojas online aos sites dos bancos e às operadoras de cartão de crédito, possibilitando aos usuários a realização de compras com boleto, cartão de crédito ou transferência bancária.

A Pagar.Me é uma Provedora de Serviços de Pagamento (PSP) que se vincula tanto a empresas pequenas, sem muito capital e abrangência, até a empresas grandes. A empresa busca manter um elevado padrão em seu design e seu modelo de negócio é baseado na cobrança por transação aprovada. A startup fica com 1,5% do valor dos pedidos e mais um valor fixo de R$ 0,50. Os clientes da startup ainda precisam arcar com o pagamento dos parceiros da Pagar.me, que varia entre 3% e 5% do preço do produto vendido.

Mesmo sendo nova no mercado, a companhia já vem chamando a atenção. Em 2014, ganhou o prêmio The Innovation Project 2014, concedido pela Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, enfrentando concorrentes fortes como a empresa mundial PayPal, rendendo aos fundadores fama e um prêmio de milhares de dólares. Além disso, a startup também conquistou o primeiro lugar no Spark Awards, prêmio organizado pela Microsoft para eleger as melhores iniciativas de empreendedorismo digital no Brasil, levando empresas como Endeavor e Ingresse a aderirem à solução de pagamento.

A fim de obter uma visão mais interna da Pagar.me, contatou-se uma de suas estagiárias. De acordo com ela:

"A Pagar.me valoriza muito a cultura interna e finalmente percebi a importância dela dentro do dia a dia de uma organização. Uma das coisas que mais me motivam lá dentro é que, mesmo eu sendo estagiária, eles me passam tarefas de grande responsabilidade, as quais me tiram completamente da minha zona de conforto e para conseguir entregá-las eu tenho que correr atrás e fazer acontecer. A responsabilidade do sucesso de uma entrega é minha do início ao fim, mesmo que durante o processo todos ao meu redor sempre estejam abertos a me ajudar naquilo que precisar.

Inclusive é muito difícil dizer quem é estagiário e quem não é. Todo mundo está trabalhando em tarefas importantes, interessantes e de muita responsabilidade, além de cada um estar igualmente comprometido em fazer entregas de alta qualidade e super envolvido com a Pagar.me.

Isso é reflexo direto do perfil da empresa, onde tem muita gente jovem (abaixo dos 30 anos) nos mais diversos cargos. Um exemplo é nossa CEO que entrou em 2015 como estagiária e tem apenas 20 anos. Além disso, todos têm voz dentro da Pagar.me para fazer novas propostas, desde que elas tenham embasamento e façam sentido dentro da empresa naquele momento.

Outro ponto muito positivo de lá é o clima de 'acolhimento', que te deixa à vontade para falar tanto de trabalho como coisas mais relacionadas a sua vida pessoal. Semanalmente tem uma reunião individual com seu coordenador e nela você pode falar sobre coisas que estão te atrapalhando a entregar seus projetos ou também conversar sobre acontecimentos recentes da sua vida pessoal.

Acima de valorizar o conhecimento, a Pagar.me prioriza o compartilhamento do conhecimento, então no dia a dia todo mundo se ajuda e você aprende muito, o que favorece tanto o crescimento pessoal quanto ajuda a construir um ambiente de troca e companheirismo."

Aproveitamento de Estudos: Como conseguir mesmo com DP's

Por Flavia Barochel

Primeiramente gostaria de pedir permissão para fugir do padrão d'O Patrão e escrever em primeira pessoa. As dicas que eu vou dar a seguir sobre o processo seletivo do Aproveitamento de Estudos são fruto da minha experiência pessoal, então preciso deixar o aviso de que, claro, a concorrência varia de ano para ano e todo caso é um caso. Mas de maneira geral, algumas das coisas que aprendi podem ser úteis a todos os politécnicos.

Eu passei no Aproveitamento de Estudos (AE) na Universidad Politécnica de Madrid no edital de 2017. O edital do processo seletivo unificado do AE era aberto a todos os ingressantes na Poli em 2013 e 2014 e havia 64 instituições de ensino superior (IES) conveniadas, cada uma oferecendo de 2 a 20 vagas de intercâmbio. O edital é mandado para o e-mail usp de todos os alunos da graduação e pode ser consultado em https://drive.google.com/file/d/0B8hN5i-38goNkdnJrOG5vc25CY3M/view?usp=sharing

O edital contém as informações básicas sobre como funciona o processo seletivo, elencando quais documentos e informações são necessários para a candidatura, mas não os critérios de avaliação. Assim, não se sabe exatamente quais critérios são utilizados para a classificação dos candidatos, a qual determina sua alocação ou não em uma vaga em uma das IES.
Além do histórico escolar na Poli, o Serviço de Relações Internacionais (SVREInt Poli) pede que os candidatos enviem para seleção possíveis certificados de proficiência linguística, informações sobre participação em Iniciação Científica, curriculum vitae e um projeto profissional (carta onde o candidato demonstra suas motivações para fazer intercâmbio). Os candidatos também devem elencar até cinco das IES conveniadas como opções na sua candidatura.

O processo seletivo do AE é composto por duas etapas, sendo a primeira eliminatória, baseada apenas nas informações fornecidas na inscrição, e a segunda levando em conta também uma entrevista individual com professores da Poli (mais informações na 8a Edição d'O Patrão). Após a segunda etapa, os candidatos são classificados e alocados nas vagas.
Assim, fica a pergunta de como acontece essa classificação. Qual peso tem o desempenho acadêmico? Isso não se sabe, porém, com certeza, é muito alto, afinal, é um dos únicos critérios objetivos de avaliação.

Há uma regra não escrita mas que já é praticamente confirmada: para a primeira etapa do processo seletivo de 2017, **foram eliminados todos os candidatos cuja classificação na turma estava no terço inferior**. Essa classificação pode ser consultada no Júpiter, em "resumo escolar", quando se seleciona "com classificação na turma". Assim, se sua turma tiver 81 alunos por exemplo (como era o caso da minha turma no sexto semestre da produção), sua classificação pode ser até 54. Não se sabe se ter DP atrapalha na classificação após a segunda fase, mas, na primeira fase, contanto que você esteja nos dois terços superiores, você passa (ou, pelo menos, em 2017 foi assim).

Agora, a segunda fase, eu imagino que não tenha o intuito eliminatório, mas apenas de alocar os candidatos. O que eu quero dizer com isso é que nessa etapa eles não estão buscando motivos para te eliminar, ou seja, você só ficaria sem vaga se todas as vagas para suas cinco IES de escolha forem preenchidas por candidatos melhor classificados que você. Assim, minha recomendação para você que tem uma média baixa com várias DPs como eu é: **certifique-se de que pelo menos uma das suas cinco opções de IES ofereça um número alto de vagas** (mais de 10). Desse jeito, seu risco de perder todas as vagas para pessoas melhor classificadas diminui. As IES que costumam oferecer um número alto de vagas são a Politécnica de Madrid, o IST de Lisboa, a Universidade do Porto e mais várias faculdades de países da América Latina. Em 2017, alguns alunos com ótimo desempenho na Poli ficaram sem vaga, pois colocaram opções de IES extremamente concorridas (boatos que as faculdades mais concorridas neste ano foram as de Milão, Turim e British Columbia).

Como eu já disse, não se sabe como funciona o ranking após a segunda fase, mas pode-se elaborar algumas dicas baseado no pouco que se sabe. Primeiramente, sabe-se que as notas nessa etapa são de alguma forma normalizada. Eles fazem isso para nivelar as engenharias, para que alunos de engenharias com médias tradicionalmente mais altas, como produção e computação, não sejam beneficiados em detrimento do resto. 2017 foi o primeiro ano dessa normalização, então os alunos da produção tiveram resultados talvez piores do que o esperado no processo seletivo do AE, principalmente comparado a anos anteriores. Vários alunos com médias altas não conseguiram vaga nas suas primeiras opções. A dica nesse caso é: **escolha uma segunda, uma terceira, uma quarta e uma quinta opção de IES que te agradem, porque sempre há chances de você conseguir vaga em qualquer uma que seja.** Inclusive na minha entrevista me falaram para eu me preparar para a possibilidade de qualquer uma das minhas cinco opções (no caso, passei na terceira).

Falando em entrevista, ela é muito importante principalmente se você tem um desempenho acadêmico pior do que o dos outros candidatos. O que os professores geralmente perguntam é sua condição financeira para se manter morando fora do país (já que as bolsas são cada vez mais raras), a sua proficiência em línguas e a explicação do porquê a escolha das IES elencadas. Para a primeira pergunta, basta uma confirmação firme de que você tem meios para se manter e que está preparado para se virar sozinho em outro país. Para as outras perguntas, é recomendada preparação.

Quanto à explicação das suas escolhas, **estude as faculdades para as quais você aplicou.** Saiba muito bem seus diferenciais e as matérias que você gostaria de cursar lá. Procure ter coerência na explicação da sua ordem de preferência e saiba bastante sobre os países e cidades escolhidas. Enfim, saiba vender que as suas escolhas são o fit perfeito para você. E confirme que você está empolgado com a oportunidade de uma vaga em qualquer uma delas. Em algumas entrevistas os professores já perguntaram algo como "Por que eu devo dar essa vaga para você e não para outro aluno?". Saiba explicar por que essa oportunidade de intercâmbio é importante para você individualmente e especificamente, e não para qualquer aluno.

Agora, quanto à proficiência linguística, empiricamente podemos concluir que é um fator o qual os professores levam muito em conta. **Você falar a língua nativa do país que você escolheu (ou a língua em que as aulas da IES são ministradas) é extremamente valorizado**, ainda mais se você tiver comprovação por certificados ou se estiver fazendo aula há bastante tempo pensando no intercâmbio. Na minha entrevista, os entrevistadores ficaram muito impressionados que eu tinha um diploma DELE de espanhol. Como provavelmente a IES vai exigir um diploma de língua, é uma grande vantagem já ter isso resolvido desde antes de ser aprovado no processo seletivo. Para inglês, o diploma mais comumente exigido é o TOEFL, que é uma prova que não é difícil obter uma pontuação média para alguém que estudou alguns anos de inglês na escola. Para espanhol, o diploma SIELE pode ser facilmente obtido por um falante de portunhol, a prova é bem tranquila. Com certeza aparecer na entrevista com um diploma já garantido vai ser um diferencial aos olhos da banca.

Resumindo: você pode sim conseguir uma vaga de aproveitamento de estudos tendo tido altos e baixos no seu histórico Poli! Você pode ter muitos outros diferenciais que vão te fazer conquistar uma vaga, desde uma língua que você fale, até uma atividade extra curricular. Só se dedicar às matérias não basta, eu mesma me dediquei demais ao CAEP nos últimos três anos e posso dizer hoje que minha trajetória na Poli é muito mais que meu histórico escolar. Assim, minha última dica é: não desista! Aos poucos você consegue ir se recuperando nas matérias que ficaram atrasadas, passando nas DPs e melhorando sua classificação. E aproveite as oportunidades de grupos de extensão, IC e línguas que a Poli oferece - nem todo mundo consegue ir super bem nas matérias, mas você pode se destacar em outros aspectos! **Boa sorte!**

Joice Toyota Entre aspas

Por Beatriz Ota e Clarissa Mendes

Joice Toyota se formou, em 2006, em Engenharia Elétrica pela Poli. Durante seus anos de graduação, envolveu-se com o movimento estadual e a Poli Jr. Logo que se formou, trabalhou como analista na Integration por 3 anos. Em seguida, trabalhou trabalhou na Bain & Co. durante 4 anos, quando decidiu mudar de carreira e fundar a Vetor Brasil, uma organização sem fins lucrativos voltada para captar e desenvolver talentos para atuação no setor público.

01. Quais foram as suas primeiras impressões da Poli?

O começo da Poli foi muito difícil para mim, não pelo lado técnico/acadêmico, mas tive dificuldades para estabelecer amizades, como estava habituada no Ensino Médio. Para mim, foi importante participar da empresa júnior e do movimento estadual para conhecer pessoas de outras faculdades e expandir minhas conexões não apenas profissionais, mas pessoais também.

02. Você acabou por seguir carreiras que não tem a ver com Engenharia Elétrica. Se pudesse voltar no tempo, teria feito outro curso?

Acredito que não. Apesar de não ter seguido carreira na Engenharia Elétrica e apesar de criticar algumas das matérias que fui obrigada a cursar, gostei muito do curso como um todo. Minha motivação para fazer engenharia era a minha curiosidade para entender como as coisas funcionavam. Posso dizer que a Poli me saciou boa parte dessas curiosidades. Ter feito engenharia define bastante sobre quem sou também. Tenho uma identificação forte com o curso e com a escola e tenho orgulho de ser politécnica.

03. Sabe-se que, de certo modo, um engenheiro de produção tem certa prioridade do que as demais engenharias em processos seletivos de consultoria. Você sentiu essa diferenciação? Se sim, como fez para contornar essa desvantagem?

Para mim, essa diferenciação está só nos gritos de guerra durante os jogos universitários. Nunca senti isso no mercado de trabalho. A impressão que tenho (e posso estar errada, pois não tenho dados/evidências para falar isso) é que as pessoas reconhecem muito mais o que é o(a) politécnico(a), sem entrar necessariamente na definição dos cursos.

Entretanto, eu tive dificuldades sim para me preparar para os processos seletivos de consultoria, assim como todos os meus colegas que também se formaram no começo dos anos 2000 e não conheciam o mercado direito. Eu me lembro que na primeira vez que fiz o teste da Bain & Company, eu li o enunciado e fiquei procurando as alternativas, pois não conhecia o conceito de questões sobre "Data sufficiency". Perdi um tempão da prova até entender que eles apresentavam as alternativas só uma vez e depois o resto era igual. O resultado foi que bombei a fase de testes. Mas isso não me proibiu de tentar de novo e aí conseguir entrar na empresa que eu admirava.

Sei que hoje a Poli e outras escolas têm clubes de consultoria. Acho legal para que todos entendam melhor como o processo funciona e também como o dia a dia de um consultor funciona. Perder um pouco do romantismo também, sabe?

04. Quais atividades extracurriculares, grupos de extensão você participou durante a graduação?

Participei muito de empresa júnior. Não apenas da Poli Júnior, mas também fui presidente da Federação de Empresas Juniores do Estado de São Paulo e conselheira da Confederação Nacional, a Brasil Júnior. Foram experiências incríveis que me enriqueceram muito, principalmente para entender melhor o nosso Brasil e aprender a respeitar pontos de vista diferentes dos meus.

05. Você comentou que participou do DCE. Como foi essa experiência? Agregou a sua formação?

Na minha república, eu morava com um amigo da Poli e muitos amigos da FFLCH, com quem tinha a oportunidade de conversar sobre assuntos além de cálculo e física. No primeiro ano, fui a várias audiências/reuniões do DCE e a protestos na Paulista. Sempre achei os temas discutidos bastante pertinentes, mas confesso que o formato dos encontros sempre me deixavam muito inquieta. Descobri que participar daquelas longas reuniões não era exatamente a melhor forma que eu tinha para colaborar com pautas que eram importantes para nós estudantes e também para o país, por isso decidi seguir rumo por outras mobilizações. Essa é a beleza da pluralidade de ideias e oportunidades do nosso país.

06. Durante uma roda de conversa na SCE, você contou que se envolveu tanto com a Poli Jr, que acabou por deixar as matérias da Poli um pouco de lado. O que você diria para os alunos que estão nessa situação? O que te motivava a estudar e passar nas matérias?

Isso é verdade. Trabalhar sempre me motivou mais do que estudar, mas nunca cheguei a abandonar as matérias da Poli por completo, pois desde quando eu entrei na Poli, o meu objetivo era sair da Poli, hehe.

Acho que o caso que mais exemplifica o impacto das prioridades que coloquei é que no segundo ano, eu acabei pegando minha única DP que foi de direito, pois faltei no dia da prova e depois no dia Rec novamente porque estava, nas duas situações, em eventos da empresa júnior. Não sei se foi a decisão correta, mas por algum motivo, eu calculei que isso faria sentido naquele momento e de fato não tive consequências muito piores do que fazer a matéria novamente.

Para quem está nesta situação agora, eu diria que uma das habilidade mais importantes para uma boa liderança é grit (o que em português a gente costuma traduzir como resiliência, apesar de ir além disso). Apesar de às vezes as matérias da Poli não serem muito motivadoras, são necessárias, fazem parte das regras de quem quis estudar engenharia, então tem que respirar fundo e encarar de frente mesmo. Não dá para fugir, encontrar jeitinhos, pegar o caminho mais fácil, etc. E por mais que as matérias pareçam não fazer sentido, só de você se disciplinar para passar por esses desafios, já é uma prática muito importante para quem quer ter sucesso profissional mais para a frente.

07. Você trabalhou por um bom tempo na Bain & Company, uma importante empresa de consultoria, mas optou por mudar de carreira. O que te fez tomar essa decisão?

Eu já tinha uma carreira bastante estabelecida na consultoria. Quando decidi sair para trabalhar no governo de Goiás, eu tinha acabado de ser promovida na Bain e via uma carreira, apesar de desafiadora e demandante em termos de dedicação, bastante confortável pelos retornos financeiros.

O que me fez tomar essa decisão foi a vontade de trabalhar com impacto social. Sempre tive muito interesse e vontade de transformar nossa educação pública, pois estudei parte do ensino fundamental em escola pública e essa experiência foi difícil para mim. Quando tive a oportunidade de trabalhar no governo, consegui entender quais eram as dificuldades para se oferecer um ensino público de qualidade e acima de tudo aprendi que a mudança é possível, então, para mim, a decisão foi relativamente fácil, uma vez que eu tinha clareza sobre onde queria atuar.

08. Conte-nos um pouco sobre como é ser uma servidora pública! O que você diria para os alunos que pretendem seguir carreira nessa área? Você acha que existe um perfil adequado?

Gosto de usar o termo "profissional público" que inclui tantos os servidores concursados, como também os profissionais que atuam em cargos comissionados, temporários, etc.

Um profissional público precisa ser, acima de tudo, resiliente e ter clareza de seus propósitos. Não dá para entrar lá com o mindset de "ah não sei o que quero da vida, vamos ver o que tem aqui", porque o governo é nível hard mesmo. Trabalhar no setor público não é fácil e os desafios são muitos: falta de es-

trutura no trabalho, muita burocracia, equipes desmotivadas, empecilhos políticos e muitas demandas a serem resolvidas. No Vetor Brasil, buscamos pessoas que tenham interesse em aprender, grande capacidade analítica no entendimento e resolução de problemas e com engajamento para fazer a diferença na área pública. Acredito que alguém com esse perfil enfrentará melhor os desafios da área.

09. Após experienciar as realidades dos setores privado e público, o que considera serem as maiores diferenças entre eles?

Acho que trabalhar no setor privado é muito mais fácil. Na empresa, você tem incentivos alinhados, muito menos stakeholders do que o governo, liberdade para lidar com o orçamento e com os recursos financeiros da maneira em que a diretoria e o conselho decidirem.

No governo, os interesses são muitos e as responsabilidade são muito maiores. A escala é maior, qualquer coisa pequena que você faça, está impactando a vida de milhões de pessoas. A burocracia é imensa, e uma parte grande da burocracia é necessária mesmo, pois estamos lidando com recursos públicos e com o bem comum. E o governo por definição lida com aquilo que as pessoas não tem interesse de lidar, aquilo que não é lucrativo, aquilo que é problema histórico, ou seja, é lógico que vão ter ineficiências. Somado a tudo isso e por conta de alguns péssimos políticos e gestores que já tivemos no passado, também existe muito preconceito com o governo. Muitos profissionais públicos têm vergonha de dizer onde trabalham. Isso é um absurdo, pois são pessoas que estão servindo a nação! Precisamos resgatar o orgulho de servir para atrairmos os melhores talentos para enfrentar os problemas mais complexos do país!

10. Existem muitas ideias negativas acerca do setor público. Quais os mitos e verdades?

Existe de fato um grande preconceito em relação à política e à gestão pública. Não à toa. Estamos em um momento de passar o país a limpo e isso faz com que muitos casos de corrupção do setor público e do setor privado venham à tona. Mas não é verdade que só existe nesse setor gente ruim, corrupta etc. Tem muita gente fazendo coisas maravilhosas e precisamos mostrar esse trabalho, para reverter essa aversão da população em relação a algo que é tão importante e pertinente na vida de todos. Além disso, sabemos que burocracia é algo chato e as leis, por vezes, enrijecidas. Mas no Vetor Brasil acreditamos que podemos fazer mais e melhor com o que já temos, em vez de ficarmos sentados esperando as coisas mudarem.

11. Conte-nos um pouco sobre o Vetor Brasil!

A missão do Vetor Brasil é criar uma rede de talentos diversa e engajada que melhore o setor público brasileiro. Fazemos isso a partir de dois programas, o Trainee de Gestão Pública, focado em jovens, e o programa Líderes de Gestão Pública, focado em profissionais mais experientes, em posições da alta administração. O Vetor Brasil atrai, seleciona, desenvolve e aloca profissionais extremamente talentosos e motivados para trabalhar em projetos estratégicos de governos municipais e estaduais que buscam compor times de alto desempenho. Nosso papel é conectar pessoas que querem fazer a diferença no país, que estão descontentes com a qualidade dos nossos serviços públicos, que querem colocar a mão na massa e mudar tudo aquilo que incomoda, com os times sérios que já estão dentro do governo e que estão verdadeiramente comprometidos em mudar o que precisa ser mudado.

Já alocamos mais de 100 jovens para trabalhar em 62 órgãos governamentais de 24 estados diferentes e de 10 partidos diferentes com nosso programa Trainee de Gestão Pública. Temos uma atuação suprapartidária e a diversidade é um de nossos valores fundamentais. Em todos os nossos processos seletivos temos inscritos de todas as UFs do Brasil e somando as inscrições desde a nossa primeira edição, já temos 35 mil jovens que se candidataram ao programa e demonstraram comprometimento e vontade de mudar o Brasil.

No programa Líderes de Gestão Pública, que lançamos no final do ano passado, já realizamos o primeiro processo seletivo profissional para o cargo de

secretário de educação municipal do Brasil! Foi um grande case que construímos com a cidade de Londrina-PR. Disponibilizamos de forma bastante transparente todas as informações deste processo em nosso site.

No ano passado, vencemos o Desafio de Impacto Social do Google e ganhamos um prêmio de R$ 1,5 milhão. Atualmente, temos sete parceiros que nos apoiam financeiramente até que iniciemos a monetização dos serviços que oferecemos aos governos. Você pode conferir quem são nossos parceiros no link a seguir: http://www.vetorbrasil.org/quem-somos/

12. Muitos alunos da Poli têm pretensões de empreender, o que você diria para eles? Quais as principais lições que você aprendeu montando seu negócio?

Nunca tive interesse em empreender, mas quando encontrei um tema pelo qual era apaixonada e uma oportunidade onde eu via que minhas habilidades pessoais e experiências profissionais poderiam fazer a diferença no negócio, foi avassalador como essa ideia não saia de mim e como re-organizei minha vida rapidamente para isso. Tenho amigos que empreenderam em áreas pelas quais eles não têm interesse, mas, para mim, acho que seria muito difícil trabalhar com tanta intensidade em um tema que não fosse apaixonante para mim.

Para todos que já têm interesse em empreender, eu sugiro seguir em frente com suas ideias, colocar em prática, tentar, errar, aprender e melhorar. É muito importante a gente tentar mais no Brasil, para que assim a gente possa errar mais e aprender mais. Só assim vamos amadurecer nosso ecossistema empreendedor.

Em minha carreira empreendedora, eu aprendi que é tudo muito mais difícil e muito menos glamoroso do que parece quando se olha de fora. E também que a minha estabilidade emocional para lidar com os altos e baixos do dia a dia era um dos meus principais ativos nessa jornada toda. Desde que comecei a empreender, tenho buscado cada vez mais equilíbrio pessoal, pois uma start up é uma montanha russa emocional e a liderança é a responsável por trazer a tranquilidade para a organização.

13. Com certeza, trabalhar na Bain & Company te deu bastante bagagem para iniciar seu negócio. Você acha importante ter uma experiência profissional antes de arriscar empreender? Ou você acha dispensável?

Acho que isso depende muito de cada um. Eu, particularmente, acredito que ter uma experiência em outras empresas é muito rico, para aprender mais sobre as organizações, sobre formação de cultura, sobre o mercado, etc. Entretanto, tenho amigos que não trabalharam em outra empresa que não fosse a sua própria e têm carreiras empreendedoras incríveis, por exemplo, o politécnico René Retz da Tapps.

SEGEP CAEPInforma

Por Beatriz Ota e Rafael Reis

A Semana de Engenharia de Produção (SEGEP) surgiu durante a Estrutura Curricular 2 (EC2), na qual os alunos só tinham as matérias básicas de engenharia, o que contribuía para um desinteresse em relação ao curso. Além disso, não era claro, para os ingressantes no curso de engenharia de produção, como seriam os anos seguintes de graduação.

Assim, alguns membros do Centro Acadêmico Engenharia de Produção (CAEP) decidiram organizar a SEGEP, cujo objetivo inicial era mostrar quais eram os principais setores do Departamento de Produção (PRO). Dessa forma, ao longo da semana, foram realizadas palestras com professores, doutorandos e ex-alunos, das mais diversas áreas do PRO, que contaram um pouco sobre as suas experiências na Poli e sobre suas respectivas carreiras.

Atualmente, a SEGEP já está na sua sexta edição e ocorrerá entre os dias **25 a 29 de setembro.** Neste ano, contará com palestras sobre mercado financeiro, consultoria e indústria, além de workshops, cursos e rodas de conversa, working days e vísitas técnicas, de empresas renomadas como: BCG, General Motors, Falconi e muito mais! **Não percam!**

PACE Grupo de Extensão

Por Clarissa Mendes e Sophia Pawlaski

O PACE (Partners for the Advancement of Collaborative Engineering Education) é um grupo de extensão voltado para concepção, desenvolvimento e construção de projetos de engenharia na área automotiva. É uma iniciativa internacional, liderada pela General Motors (GM) com o apoio das empresas Siemens PLM Software, Autodesk, Oracle e Hewlett Packard Enterprise (HP). Está presente em vários países, como Alemanha, China e Estados Unidos, auxiliando ao todo mais de 50 universidades no mundo, sendo a Poli uma das poucas faculdades participante no Brasil, junto com FEI e Mauá.

O grupo chegou na Poli em 2005 e, desde então, destaca-se internacionalmente por seus projetos inovadores em mobilidade urbana. O Opal e o Cubo são exemplos bem-sucedidos e premiados do trabalho direto de seus integrantes.

O primeiro é um veículo hatch reconfigurado para uso compartilhado, desenvolvido para ampliar e reduzir eletronicamente o número de assentos de acordo com as necessidades do usuário.

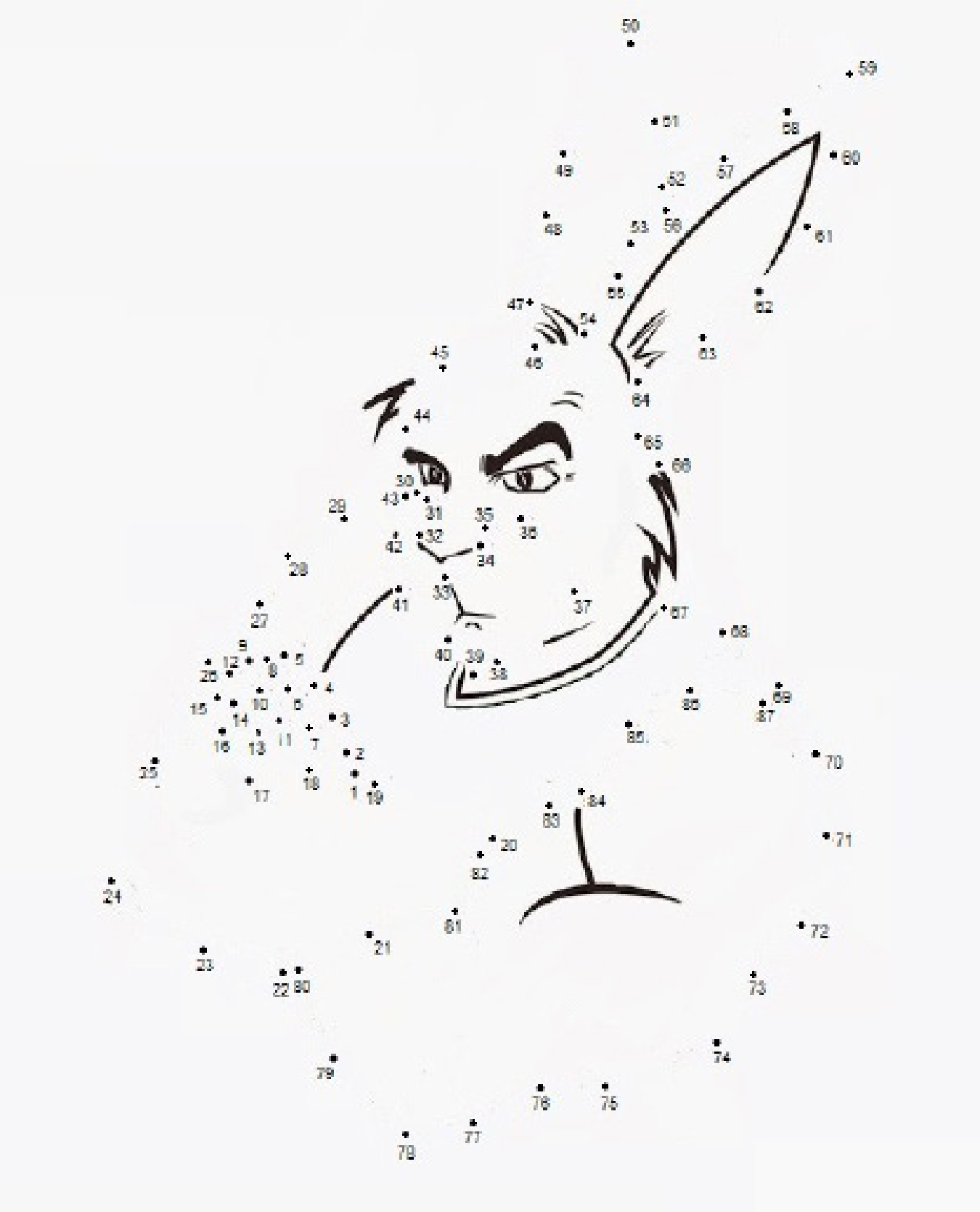
Já o Cubo é triciclo portátil para deslocamento pessoal, podendo atingir até 20 km/h. Ambos são veículos elétricos, haja vista que o programa valoriza resultados consoantes ao conceito de sustentabilidade.

O PACE recruta novos participantes todo semestre. O processo seletivo é composto por inscrição prévia online, palestra sobre a equipe, dinâmica em grupo e entrevista. Não é necessário cursar engenharia mecânica ou elétrica para participar, pois alunos de todas as engenharias são bem-vindos!

Liga Pontos

Joguinho

Por Beatriz Ota



Nona edição
08 de agosto de 2017
Centro Acadêmico da Engenharia de Produção
Escola Politécnica - USP

Design por Marcela Okuyama
Diagramação por Beatriz Ota
Revisão por Beatriz Ota, Clarissa Mendes,
Daniela Souza, Flavia Barochel e Shelly Barbosa